“SEMINÁRIOS SOBRE VISÕES”

“The Visions Seminars”

Carl Gustav Jung

PARTE IV

Seminários entre 6 de maio e 24 de julho de 1931

SPRING 1962

Nos olhos do velho

- *Visão*: Do outro lado do muro eu percebi um velho. Olhei nos seus olhos e vi neles um grande rio repleto de corpos retorcendo-se. Umas poucas pessoas estavam na beira do rio e chamavam em voz alta as massas de gente que se debatiam na água impetuosa. A água lançou algumas almas à margem. Aqueles que já estavam lá os levantaram e mostraram a eles uma estrela e um sol. Foi isto que eu vi nos olhos do velho. Ele disse: "Tu percebeste?" e afundou na terra. Alguns pequenos animais e flores crescendo em sangue apareceram no lugar onde ele estava.

Como foi visto, este é um arquetípico velho sábio, simbolizando a sabedoria adquirida que é a herança comum do ser humano. Em certa profundidade da mente inconsciente não pode ser evitado o encontro com esse tesouro, a herança da sabedoria. Aqui temos uma quota desta, aquilo que está dentro está também fora e isto está sendo proclamado como a verdade mais vital. É uma verdade que pouco tem com os nossos valores racionais. No entanto é a mais importante para a vida da nossa alma. Se somos capazes de ter um tal ponto de vista, um caminho está se abrindo dentro, através do qual é possível chegar a uma condição mental serena, em que estamos em harmonia com as coisas. Se, porém, nos adaptamos ao mundo como sendo apenas uma enleada cadeia causal, nunca chegaremos a uma atitude mais assentada, não teremos a sensação de certeza ou segurança.

O que parece ser a real condição das coisas simplesmente não tem conseqüência, porque se nossa atitude é certa, as coisas são certas; elas serão as coisas pertinentes. Se, de um outro ponto de vista, elas são sadias, ou morais ou erradas, simplesmente não importa; porque esta é a nossa experiência subjetiva no momento, e assim como experimentamos a nossa vida no mundo, assim é. Naturalmente, de um ponto de vista, poder-se-ia dizer que é a vida mais miserável, ou que é a mais linda que se pode imaginar. Mas tais especulações são perfeitamente inanes; a única questão é: como vivemos a nossa vida, como a experimentamos. Se nossa atitude é acertada, as coisas, então, são acertadas...

Aqui a vida está sendo encarada como um rio no qual seres humanos flutuam e são arrastados – todos completamente inconscientes – porque estão submersos na água, o que significa no inconsciente. Um pequeno grupo na margem é consciente, e estes chamam os que estão no rio, de modo que alguns deles emergem e também tornam-se conscientes e distintos, mas eles são poucos, apenas. Nas palavras do Novo Testamento: "Muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos". A crença central budista é que continuamos a circular interminavelmente na roda da morte e do renascimento enquanto não somos conscientes, mas se pela meditação adequada e pelo modo de viver adequado – seguindo o Caminho Óctuplo, como o expressa o budismo – nos tornamos conscientes, então, eventualmente, alcançaremos a emancipação. Assim, se juntam duas convicções centrais, a cristã e a budista, e esta é a sabedoria do velho. Mas nossa paciente não inventou ou excogitou a idéia, ela simplesmente a viu como imagem...

O que ela tira disto é um modo de ver muito universal quanto ao propósito da vida. De acordo com a colocação do inconsciente, muitos estão sendo levados pelo rio, mas uns poucos ouvem as vozes que chamam e saem da água; eles se tornam conscientes, eles já não mais são arrastados pelo grande movimento inconsciente. Assim, tornar-se consciente está sendo mostrado a ela como o sentido de sua vida, e isto a reconcilia com o fato de que ela mesma estava se sentindo completamente em desacordo com suas condições. Em virtude de seus problemas, ela cresceu distante da atmosfera de sua família e de seus amigos, das convicções de seu meio, e, naturalmente, sente-se isolada. Com certeza lhe será dito que é neurótico e errado estar isolada, mas o inconsciente diz que exatamente assim é que ela deve permanecer. Uma tal visão pode ajuda-la a reconciliar-se com sua particular tarefa na vida. Porque todo aquele que se empenha em viver a vida individual confrontar-se-á com uma situação como esta, isto se repete eternamente...

- *Visão*: Depois que o velho falou, minha roupa tornou-se verde e depois branca. Em redor de minha cabeça pairavam chamas brancas. Atravessei campos ondulantes de trigo.

A imagem que ela pintou para ilustrar este estado, muito obviamente simboliza iluminação. Isto é tipicamente simbolismo oriental. Na Yoga Tântrica Kundalini, quando a introvisão (ou compreensão dos conteúdos inconscientes) atingiu o centro mais alto (a sede da consciência), então irrompe a luz – uma luz branca. O fato de que sua vestimenta se torna verde, primeiramente, refere-se simplesmente à vegetação; indica que ela se torna vivente, que ela é parte da vida. Quando se torna branca, significa que a vida, anteriormente inconsciente, agora torna-se luz; e luz é, evidentemente,

compreensão, consciência. Depois disso, ela deve tornar-se consciente em um modo inteiramente diferente. Deve tornar-se consciente da vida com total clareza – bem como das coisas. Uma luz branca supõe-se ser a luz mais brilhante e a luz mais brilhante outorga o maior poder de discriminação. E nos campos, o trigo é maduro – é o tempo de consumação, da completa maturidade... O que significaria este trigo?

Sugestão: Mestre ECKHART diz que o trigo é a mais alta forma de semente.

Dr. Jung: Sim. O trigo é muito simbólico porque é pão, o fruto da terra. Por isto diz Mestre ECKHART: "A natureza mais íntima de todos os grãos comporta trigo, de todos os metais, ouro, de todos os nascimentos, homem".

FIGURA PÁGINA 68

Assim, o trigo seria quase a essência da vida vegetativa, da vida da planta. E já que a vida da planta é o símbolo das qualidades espirituais da vida humana, o que simbolizaria o trigo?

Resposta: Ressurreição.

Dr. Jung: Sim, e também é símbolo daquele que ressurge; de JACCHOS, o filho divino da terra, que nasceu no peneiro; de OSIRIS,

de cujo sarcófago cresceu trigo; de CRISTO, na medida em que ele é a hóstia, feita da farinha do trigo. STO. AGOSTINHO chamava MARIA a terra virgem, ainda não fertilizada pela chuva, e assim CRISTO é o filho da terra, o trigo. Aqui outra vez deparamos com o fato de que assim como é dentro, assim é fora. Porque nesta visão nossa paciente é iluminada, ela tornou-se plenamente consciente e, ao mesmo tempo, da terra nasceu o trigo. O mistério de Eleusis, o nascimento místico de BRIMOS, ocorreu, da terra nasceu o Deus. Esta condição seria expressada na filosofia chinesa como uma condição, no momento, de completo TAO – isto é, da mais alta iluminação dentro e da mais alta fertilidade fora, o Deus nascido dentro e fora, ressurreição.

[Mas essa visão de iluminação é imediatamente seguida, como explica Dr. Jung, por uma percepção das dificuldades que a esperam. Ela tem uma visão da "face de sofrimento" no solo (isto é, em realidade) que se transforma em uma criança morta. Quando ela imerge esta criança numa corrente de água, ela revive e coloca em torno do pescoço da paciente uma corrente com uma jóia em forma de coração que penetra queimando no seu peito. A criança cresce, então, e transforma-se num homem (específico) que a deixa sozinha para comungar com uma face que ri, surgida numa chama que emergira da água. EDITOR].

Anteriormente, um anel incrustou-se, incandescente, na sua testa, significando uma convicção intelectual chegara a ela. Agora o símbolo do coração-jóia indica que a percepção tocou seu coração... As duas funções racionais foram atingidas; então podemos supor que será dado um importante passo à frente.

Geralmente, tentando convencer uma pessoa, nada melhor podemos desejar do que tocar seu coração tanto quanto sua cabeça. Mas às vezes, nem isso é plenamente convincente; isto é, não impele. Porque, embora possa ser compelente no que respeita a personalidade consciente, ainda é possível que o inconsciente esteja contra, e neste caso mesmo uma séria tentativa do consciente seria barrada por interferência inconsciente. Isto muitas vezes acontece: as pessoas têm uma convicção consciente, mas não podem leva-la adiante, porque alguma coisa, de um modo obscuro, sempre interfere.

A dificuldade é esta: quando alguém conseguiu uma tal realização, então parece que o caminho foi aberto e é possível progredir; e progride-se mesmo, mas assim fazendo, sempre e invariavelmente o passado fere com o seu poder. A caminhada nunca é suave. Mesmo que o progresso assuma a forma mais razoável, mais bem-vinda e útil em todos os aspectos, mesmo assim nos ferimos contra o passado... Algum obstáculo sério intervém e não se pode entender porque. Mas olhando para trás e percebendo a diferença entre o progresso presente e a natureza dos eventos do passado, é possível entender.

As pessoas raramente possuem um tal senso histórico – um senso dos eventos como eles eram anteriormente. O mundo dos nossos pais esvaneceu-se da nossa consciência; nós não avaliamos a enorme distância que existe entre o nosso mundo e o mundo de nossos pais e avós. Vivemos tanto no momento que só com a maior dificuldade podemos reconstruir suas preferências e convicções – para não falar daquelas de nossos ancestrais mais remotos. Se tivéssemos mais senso histórico poderíamos compreender melhor o sentido do progresso. Na história do mundo, também, qualquer progresso importante sempre significou derramamento de sangue e guerra e revolução. Nós todos,

por exemplo, estamos convencidos de que os intentos espirituais da primeira cristandade eram uma coisa muito boa, que sua intenção e propósito gerais eram maravilhosos. Ainda assim, a Cristandade causou uma terrível reviravolta no mundo; levou à destruição de milhares e milhares de vidas. A razão para tal conflito é a diferença, a fricção, entre o momento atual e o passado. Tudo isso é uma introdução à sua visão seguinte.

O gigante do passado

- *Visão*: Eu vi um gigante deitado no chão. Era repugnante. Sua pele era branca e frouxa. Ele gritou para mim: "Tu me temerás, porque esfregarei teu rosto no pó e esfolarei teu corpo com chicotadas". Falei a ele, dizendo: "Oh, mundo! Não estou com medo". Então tudo tornou-se escuro e borbulhante de formas e vultos medonhos. Eu estava no rio de sangue fervente. O gigante ergueu-se sobre mim e projetou uma sombra tão grande que eu não conseguia ver as estrelas do céu. Eu estava sendo sugada para dentro de uma grande correnteza fervente e gritei agoniada. O gigante desapareceu e eu vi uk grande ovo brilhando na sua brancura.

O gigante reaparecerá em outra visão posterior na qual ela carrega sua grande figura. Mostrarei o desenho que ela fez então. Foi feito muito mais tarde, quando houve de novo um movimento para a frente e ela de novo feriu-se em conflito com o passado. Só então ela compreendeu o que deveria ser feito com o passado – que ele deve ser carregado. Este desenho é a contra-parte da idéia histórica do TRANSITUS (trânsito, passagem) – o carregar o símbolo – que fazia parte de muitos mistérios antigos. No culto de ATIS, era o carregar da árvore o símbolo da mãe. Usualmente era um pinheiro que se carregava para

FIGURA PÁG. 69

uma caverna. Atravessar um rio ou passar por um obstáculo pode ser também o “transitus”. MITRAS é muitas vezes representado carregando sobre seus ombros o touro morto e isto também é o “transitus”; o touro é a sua própria vida e é o mundo, é o assim chamado ‘touro-do-mundo’. Há uma antiga lenda de que o mundo foi feito por Deus na forma de um touro e esta lenda ainda existe na África...

Foi um pouco do antigo misticismo persa absorvido pelos místicos maometanos que se transferiu ao sufismo e assim estendeu-se da costa africana até Zanzibar. Menciono isto porque na visão a paciente chama o gigante “o mundo” e o touro mitraico é o mundo, é a vida da terra, porque o sacrifício do touro fez crescer toda espécie de víveres. A forma mais conhecida do “transitus” é CRISTO carregando a cruz, sendo a cruz, outra vez, a árvore. É o mesmo símbolo no Cristianismo como no culto de ATIS, e tem o mesmo valor: significa carregar a mãe – o mundo é a mãe, MÃE TERRA.

Assim, este quadro estranho – a minúscula figura da mulher carregando o gigante, aquele enorme corpo branco com braços pendurados, aquela enorme massa de carne – representa o passado no sentido do mundo como ela o encontra. E, naturalmente, ela não estaria agora encontrando o mundo se não o tivesse perdido. Ela perdeu seu relacionamento com o mundo do seu passado porque passou por longas séries de mudanças internas. E todos os que atravessaram tais extensões do deserto interno – aquele ermo interno, aquela selva – têm a mesma sensação de haver, por causa disso, perdido seu mundo anterior.

É um fato que a maioria dos cultos espirituais conduz a uma alienação da sensação do mundo. No início do Cristianismo milhares e milhares se isolaram no deserto, cidades inteiras se despovoaram, e nos países católicos uma boa porcentagem da população ainda vai para os mosteiros. Também há agora um número enorme de monges nos mosteiros do Tibet. Obviamente, a vida espiritual tem uma tendência para alienar o homem do seu passado e – com reservas, é claro – esse é o seu propósito; é um procedimento adequado e proposital, porque a maioria das pessoas acha extremamente difícil manter um desenvolvimento espiritual contra o mundo... Portanto, todo intenso movimento espiritual tem sido acompanhado de tais fenômenos como conventos e mosteiros, lugares de retiro.

Mas o movimento progressivo da paciente a conduz agora, natualmente, para o mundo. O mundo é o único lugar onde ela pode criar, porque não podemos criar quando nos recolhemos inteiramente no ar rarefeito. Necessitamos o mundo porque este é a matéria prima, a MATÉRIA. Temos que sujar as mãos, para fazer um trabalho sério; assim, precisamos tocar o mudo, precisamos

misturar-nos com a matéria. Uma existência espiritual é realmente uma condição em suspenso. Pode se ser um eremita e viver no espírito e este é um modo de vida, mas não é visivelmente criativo. Por outro lado, embora se diga que este é um fazer nada, não estou convencido disto. Estou certo de que aqueles eremitas nos desertos da Síria e da Líbia fizeram uma coisa extraordinariamente boa. Suas vidas foram de tremenda importância, porque eles demonstraram o poder do espírito a um mundo absolutamente materialista... Mas quando os tempos mudam, quando o poder do espírito está amplamente demonstrado e a humanidade está convencida de suas vantagens, afastamento do mundo perde, naturalmente, sua utilidade, torna-se uma reação obsoleta. Porque aparece, então, a necessidade do outro lado: chega o tempo quando o poder da matéria tem que ser demonstrado.

Yang e Yin

A nossa terminologia para expressar isto é muito inadequada. Deveríamos, na realidade, usar os termos da filosofia chinesa; é muito melhor falar de um tempo em que Yang prevalece e de outro quando Yin prevalece. Na nossa época há muitos sinais da crescente importância de Yin. (Talvez eu deva explicar que Yang é um princípio masculino, luminoso, ardente, criativo; é o firmamento, os céus, o lado sul da montanha, e o dragão é o seu símbolo; enquanto Yin é o princípio feminino, maternal, úmido, escuro, receptivo, o lado norte da montanha, a noite, a terra [tigre]). Esses dois conceitos, que a mente ocidental dificilmente pode apreender, são extremamente adequados para explicar os princípios básicos da nossa psicologia. A princípio sentimos que são vagos, como nuvens de poeira; mas par a mente oriental são bem definidos, e quando nos familiarizamos com eles, vemos, de súbito, que são

absolutamente inteligíveis e claros; que caracterizam os dois princípios de uma norma insuperável...

No caso desta mulher, o progresso não conduz a mistérios espirituais; ela tem que tomar o caminho descendente, o caminho Yin e aqui Yin é alguma coisa muito impessoal. Se eu falo em seguir o caminho descendente, nenhum julgamento moral está implicado; não significa arruinar-se, degeneração, ou completa autodestruição moral ou estética. Nada desse tipo. Ela está no caminho para Yin, literalmente; ela acabou de se iniciada pela Grande Mãe. Isto é o simbolismo ctônico e não apenas a terra: Yin não é apenas a terra. Antes, ontem a terra, a escuridão da humanidade – e talvez a caverna, talvez a serpente. Isto tudo que se pode dizer, mas contrasta caracteristicamente com Yang. Como vêem, a mente oriental sempre pensa nestes pares de opostos, ao passo que nós estamos sempre tentando estabelecer a univocidade das coisas. Se construímos uma imagem completa do que cerca um objeto é para diferencia-lo como um fato único, para destaca-lo do seu meio. Mas a mente oriental não pode pensar um Yin definitivo sem ter, ao mesmo tempo, o conceito de Yang em mente; tanto assim que no TAI-GI-TU – aquele símbolo circular contendo duas formas semelhantes a peixes, uma preta e a outra branca – o peixe preto que é Yin, sempre tem um olho branco e o peixe branco, que é Yang, um olho preto. Em cada forma plenamente desenvolvida, está sempre a caminho o germe do oposto. Este é o paradoxo chinês, o nascer do sol inicia-se à meia noite...

Assim, a correta caracterização para o progresso desta mulher seria, não o caminho descendente, mas o caminho Yin. Ele não conduz a monastérios espirituais, mas à terra. Conduz a coisas tangíveis que são destrutivas se

encaradas do ponto de vista Yang, porque Yin é a negação de Yang. Mas um filósofo chinês nunca pensaria que apenas Yang é bom, porque então Yin tornar-se-ia algo infernal a ser combatido; nem pensaria – do ponto de vista de Yin – que Yang deve ser superado. Ele é ciente desses opostos como um par e nunca sonharia em ter apenas Yin ou em mobilizar um partido Yang contra um partido Yin. Mas esta é a forma como nós pensamos... Vejam, esta é a nossa psicologia histórica, inclinada a pensar que aquilo que sempre foi tabu é necessariamente mau – uma vez mau, sempre mau. É um ponto de vista destrutivo.

Podem encontrar exatamente a mesma idéia no antigo livro pagão de APULEIO, "O Asno de Ouro" – praticamente a única novela romana ainda existente. O livro narra a vida de um jovem filósofo, o próprio APULEIO, que viviva a vida comum de um cavalheiro romano, uma vida sensual perfeitamente natural, como a de qualquer jovem – como STO. AGOSTINHO, por exemplo, vivia na sua juventude. A novela mostra que, por sua simples vida natural, o filósofo, lentamente, torna-se mais e mais animalesco, e por fim é enfeitiçado e transformado em asno. Então é usado no teatro para as mais abomináveis atrocidades e obscenidades. Ele é terrivelmente infeliz na forma de asno, até que um dia encontrando a procissão dos sacerdotes de ISIS e vendo o Sumo Sacerdote que carrega uma coroa de rosas, ele abocanha as rosas e as come. Torna-se então espiritual, transforma-se num iniciando. [E transforma-se novamente em ser humano].

Lembrem-se: isto foi escrito por um pagão, não por um cristão. Mostra a necessidade psicológica da época; mostra que se alguém vive a vida natural inteiramente, torna-se um animal, e por isso necessita uma iniciação espiritual.

Era perfeitamente verdadeiro que naqueles dias, quem vivesse no estilo costumeiro ia para o inferno, e o bom caminho era o caminho Yang. Mas se o caminho Yang se torna tão estabelecido que conduz a uma completa esterilização e paralisação da vida, então o caminho Yin é o caminho vivente; é o caminho da graça, da salvação. Mesmo assim, parece trazer à tona todos os demônios no mundo. Para os romanos, por exemplo, os cristãos apareciam como os piores vermes que um demônio poderia inventar, porque eles transtornaram suas famílias. Um filho se convertia e se tornava uma perfeita praga tentando converter o pai. A razão principal para a perseguição aos cristãos era o transtorno da vida familiar. CRISTO mesmo diz que ele não vem com a paz, mas com a espada – separar famílias fazia parte do programa. Isto foi muito mal recebido pelos cidadãos romanos; assim, não toleraram aquele culto oriental – mesmo os judeus eram tolerados, mas não os cristãos. Naturalmente, para o velho caminho Yin o novo caminho Yang era diabólico e por isso foi combatido...

Hoje a situação é exatamente a mesma, mas invertida. Acreditamos no caminho Yang e pensamos que o caminho Yin que está aparecendo agora representa todo o mal.

Assim, esta mulher experimenta todos os medos e dúvidas do novo caminho. Ela sente que, de certa maneira, tudo está errado; isto aparece sob o aspecto de uma cobra preta, tudo é pecaminoso, destrutivo, impossível; mas o tempo todo seu inconsciente a empurra para a forma Yin, e quanto mais ela pode aceitar isso, tanto mais uma grande luz surge diante dela de tempos em tempos, ou ela experimenta uma tremenda realização emotiva e cada vez mais se convence, contra sua vontade, de que o caminho Yin é o caminho da salvação.

Penso que agora entendera o simbolismo da primeira parte da visão... Aquele tremendo gigante deitado no solo simboliza um poder enorme associado à terra. Os gigantes são sempre poderes ctônicos, como os Titãs, por exemplo, na mitologia grega, ou os gigantes da mitologia nórdica. A pele branca daquele gigante é brancura da morte e a frouxidão é aquela de um corpo mais ou menos em decomposição... Ele quer pressiona-la terra a dentro, no pó, e reduzi-la a nada. Este é, certamente, o poder sobrepujante do seu mundo anterior, no qual ela, como uma frágil entidade espiritual, como uma tênue centelha de vida, simplesmente se perde.

A relação do tesouro com o Yin e Yang

Aqui deparamos de novo com um simbolismo bastante típico, que é a idéia do tesouro. Por exemplo, quando CRISTO fala do tesouro no campo, ele alude ao Reino do Céu que está dentro de nós. Esta pequena luz, este germe de vida, começo de uma nova consciência, é bastante pequeno e, como qualquer germe, pode ser facilmente destruído. Mesmo o carvalho mais forte começa com uma tenra plantinha que facilmente pode ser arrancada. E assim, a nova consciência desta mulher é frágil, em comparação com os gigantes do seu mundo anterior. No budismo o tesouro é simbolizado pela jóia que pode ser vista na testa de BUDA ou dos Bodhdisattvas. Na versão chinesa é a pérola. Nas imagens do clássico dragão chinês, sempre pode ser vista uma pequena pérola lunar diante do dragão, ou uma pérola dourada, quando tudo é dourado. Nunca está na boca do dragão: ele parece estar sempre querendo apanha-la. Naturalmente, o dragão é, para nós, um símbolo extremamente desfavorável, mas no Oriente o dragão é favorável; representa a força criativa, Yang. Do ponto de vista europeu, encaramos a pérola, a imagem do sol ou da lua, como

a coisa preciosa, a nova luz, em perigo de ser tragada pelas forças escuras, por Yin. Mas esta idéia seria um engano, porque aqui, outra vez, a mente oriental tem um tipo peculiar de objetividade. A mente oriental está absolutamente ciente do fato de que Yang é tão perigoso quanto Yin – é preconceito nosso pensarmos que Yang é todo o bem e Yin é todo o mal. Assim, talvez, o dragão poderia bem engolir a pérola; de modo algum é certo, como encara isto a mente oriental, que engolir a pérola seja particularmente perigoso ou indesejável. Vejam, a pérola representa a unicidade, o pequeno corpo, o grande valor, o qual é perfeitamente indefeso contra o dragão, e não se compreende de forma alguma porque durante toda a eternidade, aquele dragão não a engoliu. Minha idéia é que a pérola simboliza a unicidade do indivíduo, o indivíduo imperecível que está sempre lá. É o herói, realmente, que é tragado pelo dragão, mas sempre reaparece, tendo destruído de dentro o dragão.

Aquela coisa pequenina, aquele indivíduo único, aquele Self (Si-mesmo), é pequeno como a ponta de uma agulha; mas por ser tão expressadamente pequeno, é também maior do que o grande. Aí está de novo a fórmula orienal e ela é de tremenda importância...

Mas quando a centelha de luz, que é a nova consciência, vem ao mundo, encontra-se naturalmente frente aos grandes poderes da banalidade. Todas as coisas acabadas, todas as coisas estabelecidas, são grandes. Uma coisa nova é sempre pequena, feia, inaceitável, enquanto as coisas crescidas e plenamente desenvolvidas são belas, poderosas e preferíveis.

Pensem na beleza e na perfeição da Igreja Católica, por exemplo. É uma coisa absolutamente acabada e perfeita e, naturalmente, ama-se a beleza e a perfeição; e então lá vem uma minúscula centelhazinha com tendências luciferianas, para desviar daquela forma e, naturalmente, a Igreja engole-a ou liquida-a, exatamente como fez com todos os heréticos: alguns foram habilmente engolidos, como São Francisco, outros inteiramente liquidados... Porque na especulação da igreja cristã, a individualidade é realmente má, uma invenção do diabo, porque significa separação de Deus.

Enantiodromia

Assim podemos entender que, quando nossa paciente desafiou o gigante (que era o mundo, do qual ela, equivocadamente, clamava não ter medo), então o mundo agarrou-a. Ela caiu no abismo, agitado por formas e vultos horrendos, e foi arrastada de volta ao rio de sangue do qual havia emergido. Aqui o gigante não está mais estendido no chão, como Golias abatido pela pedra de Davi, mas ergue-se acima dela e produz uma sombra tão grande que ela não pode ver as estrelas ou o céu: toda orientação foi perdida; a escuridão é completa; ou, como diria o *I Ching*, ela está "perto do coração das trevas". E ela está sendo puxada ainda mais para baixo, porque relata: "Estava sendo sugada para dentro do grande fluxo fervente e soltei um grito de agonia". Esta é a morte do herói, indica o desaparecimento do herói na barriga da baleia-dragão. Então, na escuridão sobrepujante mesmo o gigante desaparece.

Poderia parecer ilógico supor que o poder que dominava alguém totalmente, desapareça quando este é eliminado. Mas insto é verdadeira filosofia chinesa. Se Yin consegue tragar e abolir Yang completamente, então Yang penetra na

escuridão e incendeia tudo e a luz de novo vem para fora. Por isso, se Yin quer superar Yang, ou Yang Yin, se um homem quer dominar uma multidão ou se um rei quer governar seu povo, ele tem que ser engolido pela multidão, ele tem que se entregar completamente a eles, porque só assim ele pode aparecer em cada um deles. Esta verdade está simbolizada na comunhão cristã. Lá supõe-se que Cristo está sendo literalmente comido; ele penetra na escuridão de cada um e reaparece em cada um... Aqui é como se o gigante fosse engolido pela sua própria escuridão; mas então o Yin no auge do seu poder, supera-se a si mesmo e pela lei da ENANTIODROMIA transforma-se a si mesmo no seu próprio oposto. Este é o famoso conceito que significa o cruzamento para o oposto, criado por HERÁCLITO que dizia que todas as coisas movem-se para o seu oposto. Esta é uma lei psicológica extremamente importante que pode ser encontrada em todo lugar. Provavelmente já perceberam que na seqüência dessas visões as coisas se desenvolvem de novo e de novo através da ENANTIODROMIA. Sempre que uma certa coisa chega a um topo, ao cume, então decai e transforma-se no seu oposto.

Assim aqui, no momento supremo, quando a escuridão é absoluta, mesmo o gigante desaparece e, notem, um ovo aparece, de brancura ofuscante... Completamente indefesa, a paciente sucumbe aos poderes do mundo e desse gigante surge um ovo – um ovo que ela pode segurar na mão, com o qual ela pode lidar. Ainda mias: o ovo é uma promessa de vida. Isto evidentemente, não é para ser entendido numa forma lógica, é apenas para ser entendido como uma imagem intuitiva. Assim como ela era aquela figura minúscula, aquele pequeno germe de luz, antes de ser tragada pela escuridão universal, assim a escuridão universal subitamente torna-se um germe de vida que ela segura nas mãos como se *ela* fosse um gigante. Agora, esta é uma idéia muito difícil, mas

como uma imagem é perfeitamente clara... Como explicariam tal mudança tremenda? Essa experiência de forma alguma é privilégio apenas dela. Tenho visto o mesmo tipo de mudança ocorrer inúmeras vezes em momentos importantes e decisivos como este. Agora, como poderia ser, que a coisa que era o mund0o do passado, um cadáver, subitamente é transformado em ovo?

Resposta: O passado é o útero do futuro.

Dr. Jung: Isto é perfeitamente verdadeiro. É ele também o germe do futuro?

Resposta: Sim, o passado e o futuro são opostos e mesmo assim o futuro emerge do passado.

Pergunta: Gostaria de perguntar se a mesma idéia está expressada quando se coloca um grão de trigo na terra para produzir o novo germe?

Dr. Jung: Sim, a morte do grão de trigo para produzir o novo germe. Naturalmente ele não morre, simplesmente transforma-se, mas isto é usado como um símile – como um cadáver é colocado na terra e se entende que ressurgirá no dia do Juízo Final.

Bem, esta idéia, então, ou esta imagem, é a representação simbólica da idéia de que o passado é o germe do futuro. Vejam, aqui ocorre uma coisa muito estranha. Falávamos da sua consciência como uma centelha, uma luz tênue na grande noite universal. Ela está, naturalmente, dominada pelos poderes do mundo e sua luz está extinta; mas então o mundo se transforma – o mundo de antigamente se transforma em virtude do fato de que ela se perdeu nele...

Poder-se-ia formular isto talvez assim: se pensamos do indivíduo como sendo uma substância imperecível de qualidade mágica ou divina, e se a escuridão cósmica sobrepuja esta luz individual, então esta luz desaparece, ela não é mais visível; mesmo assim entra no coração da obscuridade, está dentro da obscuridade, e uma vez que é imperecível, a escuridão não pode destruí-la. Ao contrário, o efeito disto é que a escuridão universal fica transformada, e Yang emerge de novo de Yin.

Comentário: Os romanos que conquistaram os gregos foram conquistados espiritualmente por estes. Não é a mesma coisa?

Dr.Jung: Sim, isto é bem a mesma coisa. Um exemplo melhor seria a conquista de Roma pela Ásia Menor e Egito. A mesma coisa acontece conosco: conquistamos o Oriente e o Oriente está nos conquistando. Aqui, no âmago da civilização, estamos falando de filosofia chinesa e nos declaramos incapazes de encontrar algo melhor.

Renascimento da Divindade em Deus através do Homem

O que estou colocando aqui é um pensamento muito estranho e devemos dizer, certamente, que e uma hipótese. Não sei se estarei em condições de torna-lo claro. Vejam, é óbvio que um ser individual, uma luz ou consciência individual, pode perder-se no mundo. Vemos isto todos os dias; é tão óbvio como o fato de que morremos. Mas esta visão diz, se a sua luz é apagada pela grande escuridão de modo que nem é possível ver as estrelas e o céu, então algo muito grande acontece, então a sua luz se torna universal; então é exatamente como se você tivesse dado à luz um Deus, já que a coisa universal

é o Deus. Agora, isto coincide com as idéias místicas de MESTRE ECKHART, por exemplo. Ele faz uma diferença entre Deus e a Divindade, como se a Divindade fosse nada – ou alguma coisa inteiramente inconsciente e não feliz em si mesma. É como se a divindade tivesse que renascer em Deus através do homem.

Para o primitivo, um Deus é algo original, um princípio das coisas como têm sido feitas ou criadas até aqui, e isto é justamente como se essa coisa toda não tivesse cabeça; e então o homem individual chega, com sua consciência individual, e é como se este homem fosse a cabeça, como se ele tivesse dado uma cabeça à Divindade. Esta é a criação da luz. É como se ele estivesse fazendo a Divindade toda contrair-se em um ovo, o qual se torna uma nova luz. Ele se perde mas o que ele produz é eterno.

Temos a mesma idéia no cristianismo. Cristo é aquele ovo – a lenda dogmática não corresponde inteiramente a isso, mas a lenda gnóstica sim. Já lhes falei sobre a lenda gnóstica do Demiurgo que criou um mundo muito imperfeito mas que pensava, na sua vaidade, que ele era maravilhoso. Então, muito acima dele, viu uma luz – alguma coisa que ele não havia criado. Então subiu e lá encontrou um mundo espiritual que ele não conhecia antes, feito por um Deus estranho. Foi este Deus estranho que – olhando para baixo e vendo a miséria do homem que o Demiurgo fizera apenas semi-consciente – compadeceu-se e mandou seu filho ao Paraíso, na forma de serpente, para dizer ao homem que ele deveria comer daquela árvore proibida. Como está no Gênese: “Sereis como deuses, conhecendo o bem e o mal”. Este é bom conselho psicológico: comer da árvore, ver todo o mal, compreender quanto ele necessita melhoramentos. Mas, então, todos aqueles que comeram daquela

árvore e aumentaram a luz do mundo, eram perseguidos. O Deus estranho – notem, este não é o Deus que fora o Criador do mundo – viu a humanidade lutando em vão contra as intenções malévolas do Demiurgo. De novo, então, enviou seu filho, esta vez como Cristo, e Cristo conseguiu abrir os olhos das pessoas para o fato de que este mundo é realmente podre, muito mal feito, e que por isso deveriam libertar-se dele. Esta é a razão pela qual os ofitas – uma das seitas gnósticas – adoraram a serpente como Cristo e tiveram na mesa da comunhão a serpente junto com o pão e o vinho.

O Ovo

Deveríamos agora falar um pouco mais sobre o ovo... porque o ovo é o exemplo eterno do germe perfeito numa adormecida condição potencial. Com freqüência é representado em antigas gemas gnósticas circundado por uma serpente. Este é um simbolismo importante que se encontra na filosofia tântrica hindu, onde a serpente se enrola no ovo, o ponto criativo chamado BINDU...O ponto é interpretado como o Deus masculino; é chamado o ponto de SHIVA e muitas vezes foi representado como um falo, o símbolo das forças geradoras. A serpente enrolada em torno dele seria o princípio feminino que recebe ou circunda o ponto criativo; é chamado SHAKTI, sendo SHAKTI a Deusa, o feminino. Pela união do ponto SHIVA com SHAKTI, cria-se a ilusão do mundo, ou MAYA. Agora, quando este sistema começa a atuar, é simbolizado na filosofia tântrica pela elevação da serpente KUNDALINI. A palavra KUNDALINI vem de kundali, “enrolado”. E, à medida que esta serpente se eleva, emana o sistema de aparências, o que é chamado mundo, mas que eles dizer sr essencialmente uma ilusão.

Menciono estes detalhes porque, na medida em que progredimos na interpretação destas visões, verão que há, indiscutivelmente, uma tendência no inconsciente da paciente para aproximar tais idéias orientais, embora, na sua consciência, ela esteja totalmente desinformada delas. Por razões que desconhecemos, seu inconsciente está tentando expressar este particular aspecto da verdade. No entanto, essas idéias são arquetípicas e distribuídas pelo mundo inteiro; encontramos o mesmo tipo de simbolismo nos mistérios órficos, na Grécia, onde o ovo, o germe do mundo, é exatamente paralelo à idéia de SHIVA-BINDU na filosofia tântrica.

Nada está indicado nesta visão em conexão com a serpente; só sabemos que no lugar do gigante aparece um ovo. Sabem porque desaparece o gigante? Isto é muito importante. Lembram-se que o gigante simboliza o poder sobrepujante do seu mundo do passado. Como dissolveu-se aquilo?

Pergunta: O gigante não é Maya?

Dr. Jung: Sim, mas como seria aquilo dissolvido?... A resposta aparece claramente aqui, mas não a notamos; o estilo telegráfico destas visões nos vendo os olhos. Vejam, os eventos imediatamente anteriores foram, na verdade, a culminação do poder do gigante... Agora ela está completamente entregue... (Ela solta um grito de agonia) e é neste ponto que o gigante desaparece... Poder-se-ia supor que o gigante permaneceria lá por toda a eternidade e que ela simplesmente seria sugada e desapareceria. Mas não, gigante desaparece. Como é isto?

Sugestão: Ela solta um grito de agonia.

O poder do sofrimento

Dr. Jung: Exatamente, é seu grito lancinante que mata o monstro; é sua agonia que o supera. Isto mostra o valor criativo do sofrimento. Mestre ECKHART diz assim: “O sofrimento é o cavalo mais veloz para levar-te à perfeição”. É o sofrimento que transforma; ela se permite sofrer agonias e, expressado como está no seu estilo telegráfico, podemos toma-lo no seu pleno valor. É o momento de absoluto sofrimento e isto faz desaparecer o gigante. Agora, este é um ponto muito importante. Naturalmente, para a psicologia masculina isto soa muito brando e fraco. Não podemos entender como poderia ser isto, e assim, o homem, quando é o herói, toma uma lança e mata realmente o monstro, de dentro. Lembram-se da minha “Psicologia do Inconsciente”? Mas a mulher o mata através do sofrimento. Podem entender uma tal coisa?

Pergunta: Seria o sofrimento de Cristo na cruz uma coisa semelhante? E ele era um homem.

Dr. Jung: Sim, exatamente. E isso é o que não podemos entender. É a mesma idéia, o efeito mágico do sofrimento... Sofrimento agudo tem o efeito extraordinário de que, subitamente o passado inteiro não importa em comparação com a dor... Pessoas que não possuem seus centros, que estão um tanto fora deles, necessitam uma grande dose de sofrimento antes que possam sentir-se a si mesmas – elas quase inflingem a si mesmas situações nas quais têm que sofrer. Mas ninguém pode impedi-las, porque é uma necessidade. Só através da dor podem elas sentir-se a si mesmas, ou perceber certas coisas, e se nunca perceberem, nunca poderão progredir.

Se a humanidade não tivesse sofrido por viver em cavernas ou nos galhos das árvores, casas nunca teriam sido inventadas. Então, mesmo se o sofrimento não é infligido de fora, é infligido pelas pessoas a si mesmas, com o propósito inconsciente de sentirem-se a si mesmas. Se temos uma dor de dente torturante, o mundo inteiro não importa; se no mar estamos enjoados, é indiferente se o navio afunda ou não; ficamos desmoralizados. Mas o efeito positivo disto é que nos sentimos a nós mesmo, adquirimos uma percepção e aprendemos a nos afirmar contra o gigante.

Assim, através de uma agonia tão aguda a paciente percebe a si mesma e isso é exatamente o que ela necessita. Naquele momento, tudo que antes era sobrepujante torna-se um ovo; ela diz: "Eu vi um grande ovo, ofuscante na sua brancura". Ela o representa na pintura que fez, como se estivesse acima dela e ela estende seus braços para ele como se fosse uma aparição divina. Parece uma invocação.

Pergunta: O senhor explica o sofrimento como um meio de atingir a consciência de si mesmo. No Cristianismo a renúncia do ego parece ser uma parte ideal de santidade, como no caso de Cristo e dos mártires. Qual é a filosofia do sofrimento?

Dr. Jung: A idéia cristã do sofrimento, isto é, do martírio intencional, era negar os interesses egoísticos do homem e sua evitação da dor. Os mártires afirmaram-se a si mesmos como unidades imortais: era realmente para enfatizar o Self (Si-Mesmo), porque para eles o Self era idêntico ao Reino do Céu. Nos "logoi" (Ditos) recentemente descobertos em Oxyrynchus, está escrito:

FIGURA PAG. 75

"O Reino do Céu está dentro de vós; e todo aquele que chega a se conhecer o encontrará. Esforçai-vos, portanto, para vos conhecerdes a vós mesmos e perceberais que sois os filhos do Pai; sabereis que sois a Cidade de Deus."

Assim, quando o Si-Mesmo afirmou-se através do sofrimento, isto significa que o Reino do Céu se estabeleceu, e este era o propósito do martírio e a razão pela qual os cristãos foram doutrinados para buscar a arena.

O martírio cristão significava a completa abnegação do ego, o que era absolutamente necessário naquele tempo. É impossível viver como um ego eternamente, porque isto é demais pueril. Naturalmente, muitas pessoas cometem o grande erro de tomar o ego pelo Self (Si-Mesmo). O ego não passa de um Si-Mesmo artificial.. Isto, certamente, é claro para nós, mas naqueles tempos o egoísmo era um fato evidente por si mesmo. A Bíblia disse: "Ama teu próximo como a ti mesmo". Era óbvio para eles, então, que eles amavam a si mesmos, todo mundo amava a si mesmo, e mais tarde tornou-se nosso ideal amar o nosso próximo; atualmente amamos o nosso próximo e não a nós

mesmos. Todos odeiam retornar a si mesmo, porque cada um é repugnante demais para si mesmo...

Agora prosseguiremos até a abertura do ovo. Ele contém algo e a paciente está bem curiosa para saber o que é.

- *Visão*: Eu disse: “Abre, para que eu possa saber o que está dentro de ti”. O ovo abriu-se em toda a sua extensão e dentro eu vi uma antiga escultura preta de uma cabeça. Tirei-a para fora e limpei dela a poeira de épocas. Ao fazer isto, línguas de fogo saíram dos lábios e a cabeça disse: “Beija-me, mulher!” Eu disse: “Não posso, me queimarei.” A cabeça ordenou de novo, e eu a beijei. Então senti o fogo espalhar-se dentro de mim. Eu me levantei, a cabeça caiu no chão e se partiu em fragmentos.

Antes de tudo temos que voltar e encontrar a origem dente ovo. Certamente veio do passado, está no lugar do passado, ou poderíamos dizer que estava dentro do passado, um ovo que esteve escondido dentro do gigante; isto é, o mundo até então estava prenhe com um ovo invisível, agora este aparece, enquanto o mundo desaparece. É um germe que talvez remonte às idades passadas; porque ela diz que a cabeça estava coberta com a poeira de épocas. No passado remoto um ovo foi posto, ou originou-se o germe de um novo mundo, que permaneceu oculto dentro do gigante, mas quando ele desaparece o ovo torna-se evidente e dentro está aquela cabeça preta. A cabeça tem que simbolizar a coisa que permaneceu oculta no passado, e isto nos fornece a chave quanto ao seu sentido...

Sugestão: É o Yin.

Dr. Jung: Sim, é um germe do Yin, mas esteve escondido nas eras. Preto sugere o mal, e as línguas de fogo saindo daquela cabeça não são particularmente amistosas, lembra-nos o fogo do inferno...

Vejam, é importante realizar que para nós, hoje em dia, Yin ou a terra, muito freqüentemente tem o caráter de mal. A que referir-se-ia aquela cabeça? Alguém tem a conexão?

Sugestão: É de novo o Animus negro? Parece ser muito americano. É um negro?

Pergunta: É o Messias negro?

Dr.Jung: Bem, ouviram a sugestão de que seria um negro e sabem sobre o lado instintivo que não foi aceito. Mas, na realidade, precisamos ter uma conexão simbólica; estamos interpretando sem considerar o que houve anteriormente. Lembram-se do Deus sem uma cabeça, de que falávamos antes? O Deus sem cabeça é o gigante e aqui, quando o gigante desaparece, a cabeça aparece dentro do ovo. O gigante é branco, a cabeça é preta. Isto é espantoso. O que estaria transmitindo?... Naturalmente, não dito em nenhum momento que o gigante não tinha cabeça, mas eu digo isto, falando do pesado fardo que tem que ser carregado. Nós, no presente, somos a cabeça do passado. Nós "encabeçamos" o passado, literalmente e somos os olhos "pré-videntes", os cérebros criativos, que dão uma cabeça ao passado. Pelo menos, isso é o que deveríamos fazer. Se não nos afirmamos, se não criamos uma nova cabeça, o

passado é, então, um pesado corpo opressivo que nos esmaga. Mas se colocamos uma cabeça no corpo, estamos dando sentido e significado à coisa toda. A complicação é que não sabemos: que cabeça deveríamos dar; o passado é uma árvore em crescimento e não sabemos eu tipo de fruto ele teria, que espécie de desenvolvimento ele necessitará. Nossa paciente não sabe o que é o significado, mas ele já existe, está no ovo...

Sugestão: a cabeça preta é também luciferiana, o que é um princípio de mudança.

Dr.JUNG: Bem, sim, eu diria que cada cabeça doada ao passado é luciferiana, porque traz luz. Mas aqui é, muito obviamente, uma cabeça de negro, e isto é confirmado numa imagem posterior onde o negro aparece inteiro... aqui estamos lidando com um simbolismo vivente. Esta mulher está em busca de uma atitude que a ajudará a enfrentar os problemas de sua vida; ela não encontrou a convicção ou a atitude que a ajudaria a aceitar seu próprio destino individual. Para isso ela necessita uma espécie de atitude religiosa que ela não pode encontrar de outro modo senão pela análise. **(FIGURA PÁG. 76)**. Minha razão para lidar com estas visões é que elas nos proporcionam uma introvisão realmente maravilhosa quanto às operações secretas do inconsciente. Elas nos mostram como elabora o inconsciente certos símbolos, através dos quais ela é ajudada para adquirir uma atitude que lhe possibilita viver, não convencionalmente como nós o entendemos, mas sua própria específica vida individual.

Agora, a grande dificuldade é esta cabeça sem o corpo, ou este corpo sem a cabeça. Eu lhes afirmo que é extremamente difícil tanto entender como explicar este simbolismo... Mas deixem-me mostrar-lhes esta imagem do Cristo sem a cabeça, na Catedral de Autun. Vejam que Ele não está realmente sem uma cabeça, um sol simbólico é a cabeça; isto não significa apenas o disco solar, significa um sol espiritual. E o sol espiritual no Cristianismo é a sua verdade específica, é o Logos, e ele é simbolizado como o círculo com a cruz, o que no Oriente é chamado uma mandala. É o símbolo da individuação, do completamento do indivíduo humano, ou sua entelequia (finalidade inerente) e, ao mesmo tempo ele representa a nova luz do Logos, isto é, a nova luz que brilha nas trevas, como está dito no início do Evangelho de são João.

Nos primeiros séculos, por volta do tempo de Cristo, havia, evidentemente, uma espécie inteiramente diferente de psicologia. Cristo significava, então, a descoberta de uma nova atitude, uma nova hipótese a respeito do sentido da vida. Por isso Ele foi chamado a nova luz, ele foi mesmo comparado com o sol... Esta é a razão pela qual cristo não recebeu uma cabeça humana, mas um sol, significando que o Logos, sua mente ou introvisão, era o sol, uma nova luz. Há uma inscrição latina que diz: "*Quisque resurget ita quem non trahit ímpia vita et lucebit ei sine fine lucerna diei*". Isto significa que todo aquele que não se emaranha na vida ímpia erguer-se-á como o Senhor se ergue – como o sol se ergue – e a luz do dia brilhará sobre ele, eternamente. A palavra "pio", na realidade, significa "obediente", assim *ímpia vita* indicaria uma vida que não obedece ou não é conforme a nova luz; mas, se alguém consegue consumar o novo sentido, vivendo pelo novo Logos, então, a luz do dia brilhará sobre ele eternamente.

Esta é exatamente a fórmula que poderíamos aplicar ao símbolo da cabeça. A cabeça representa uma certa idéia, ela representa o Logos, ela dá introvisão, ou consciência das coisas, ela explica; e, compreendendo isto, viveremos na luz, conquanto que a *ímpia vita* ou a vida do passado, não nos desvie do caminho. Esta é sempre a grande dificuldade, porque o mundo do passado é o gigante que pode nos dominar.

Agora, esta mulher fez o gigante desaparecer pelo seu sofrimento. Ela tornou-se intensamente consciente de si mesma e isto causou o aparecimento de uma nova idéia que agora está se imprimindo sobre ela. Naturalmente, ela ainda não compreende, mas é bem óbvio, naquele simbolismo, o que está sendo significado. A cabeça que não pertence ao corpo é como o disco solar que não pertence ao corpo de Cristo. Nós, naturalmente, esperaríamos uma cabeça humana em Cristo, mas não, é um símbolo abstrato, o sol espiritual. O corpo é o passado, a nossa terra, o mundo como tem sido até agora; mas, dele emerge uma nova luz, que não é idêntica ao corpo; do enorme corpo branco do gigante surge um ovo que contém esta cabeça. E vejam, aqui ela tem um novo significado, nada abstrato, ela é muito concreta, uma cabeça de negro – preta; mas, aparentemente ela dá vida. É, naturalmente, de muita idade, como o homem primitivo é de muita idade. Na realidade, em lugar da palavra “negro”, poderíamos dizer aqui “primitivo”, já que a qualidade da condição primitiva é o que a cabeça preta expressa nesta visão...

Então, a coisa que sai do ovo é, na realidade, uma mente primitiva, o Logos primitivo, e ele pronuncia palavras de fogo – são as línguas de fogo que saem da sua boa. Isto é como o simbolismo da espada flamejante que sai da boca de

uma figura estranha, uma espécie de salvador ou mediador, no início do Apocalipse. E que ela deve beijá-la significa, simplesmente, a união com ela, aceitando-a. Nos mistérios de ELEUSIS, lembram-se, o iniciado tinha que unir-se com os poderes da terra beijando uma serpente. Não há texto corroborando esta cerimônia, mas numa escavação apareceu um tipo de relevo em que o iniciado é depictado (representado) beijando a serpente que representava DEMETER, a Deusa da terra; é uma repetição daquilo que já discutimos em relação ao simbolismo de engolir a serpente preta. Isto é simplesmente outra forma, uma forma original da mente primitiva.

Certamente, alguém poderia perguntar aqui, porque aquilo deveria ser assim, mas em vez de especular sobre isto agora, eu tenho que dizer que isto é assim, simplesmente; o principal é entender ou aceitar como um fato, que as coisas primitivas são as mais sugestivas, e para o nosso inconsciente, as mais aceitáveis, enquanto tudo mais, todas as coisas belas, são menos estimuladoras. Não há nada mau com elas, certamente, mas parecem ter se esgotado, enquanto as coisas primitivas conservam um peculiar poder de sugestão, uma espécie de encantamento.

Nossa paciente diz que foi permeada pelo fogo que saia da cabeça; isto é, as palavras de fogo mágico a atravessavam. São as línguas de fogo do milagre de Pentecostes; é o Espírito Santo, o Logos outra vez, como desceu sobre os discípulos. Aqui, em vez de descer sobre ela, a está permeando; é algo como a serpente preta, mas não é a serpente preta, é o fogo mágico da graça; a graça tem sido sempre representada como luminosa. Não vem do céu, neste caso, mas de baixo; ela segura a cabeça e o fogo sai dela.

Sugestão: Em alguma religião gnóstica há um salvador, um Deus, que foi enviado para baixo como o homem primitivo, Adão. A idéia é a mesma, de que o primeiro homem está mais próximo da força da vida e que, portanto, ele é o Deus.

Dr. JUNG: Mas veja, esta não é a qualidade primitiva como nós a entendemos. Este é o homem primordial que era no princípio, mas ele é uma força inteiramente espiritual... No primeiro século, eles não enfatizavam a qualidade primitiva, eles enfatizavam o homem primordial que era realmente um Deus-homem, o *Theos Anthropos* dos gnósticos do Oriente. Cristo, o filho de Deus, chamava-se a si mesmo o filho do homem. Mas o filho de homem é o Deus-homem... o ser espiritual, enquanto esta coisa aqui tem que ser tomada sob o aspecto do primitivo, não do homem primordial. É o homem primitivo dela e só quando for aceito nesta forma revelará sua intenção – sua irmandade ou identidade com o homem primordial, o atemporal, inespacial, o *Theos Anthropos*. Mas nós estamos ainda longe disso.

A dificuldade toda da paciente é que ela está se confrontando com a negridão. Ela teria sido enganada se alguém lhe dissesse; “Oh, isto é meramente Adão”. Algumas pessoas, os teósofos, por exemplo, ensinariam que é Adão Kadmon, quando na realidade é o Sr. Smith. Mas, se alguém chega a uma situação real, ele não pode aceitá-la, se está procurando por Adão e na realidade é o Sr. Smith. Se dizemos a um jovem que uma determinada moça é sua alma eterna, a virgem Mãe, talvez, ou algo semelhante, é um engano; ela é uma muito comum jovem macaca. Assim, o importante para o nosso tempo é que deveríamos ver as coisas e aceitá-las como são. Em outros tempos, quando o

elemento ctônico é demais óbvio, é importante ensinar às pessoas o aspecto espiritual. Nos dias de Cristo era importante saber que os homens eram divinos; por isso dizia a seus discípulos: “Sois deuses”. Certamente, eles não entenderam isso. Nós, imediatamente, abraçaríamos a idéia; seríamos muito inclinados a ela, porque queremos nos afastar do comum Sr. Smith. Mas para esta mulher é de todo importante que ela aceite o aspecto preto das coisas; se ela puder aceitar a terra, descobrirá também o aspecto espiritual desta.

Agora, quando ela foi permeada pelo fogo, ela ergueu-se e a cabeça caiu no solo e partiu-se em pedaços. Como vêem, ela agora aceitou esta peculiar manifestação do homem primitivo. Ela está permeada pelas palavras ígneas, pelo mana emanado do Logos. Agora esta forma pode quebrar-se porque ela aceitou-a – ao menos na visão.

Aqui deveríamos dizer alguma coisa sobre o simbolismo geral e sobre o Messias negro que foi mencionado. Veja, estava cabeça que temos que colocar em paralelo com a idéia mítica ou lendária do salvador, tem realmente o valor do salvador. (Isto será confirmado nos eventos subseqüentes onde o negro representa este papel – dando seu sangue pela humanidade). Estamos bem seguros quando presumimos que ela descobriu o salvador nesta forma, para ela censurável. E aqui, de novo, tenho que me referir ao passado. Vejam, se fossemos antigos romanos e alguém nos dissesse que o divino salvador do mundo tinha sido pregado na cruz – como um vil escravo – seria o mais censurável para nós. Com o forte esteticismo da antiguidade, nós rejeitaríamos essa doutrina porque ofenderia nosso bom gosto – seria demais blasfema. Seríamos tão pouco capazes de aceitar isto como bons cristãos o seriam de

aceitar que alguém dissesse coisas blasfemas sobre Cristo. Mas, há uma verdade eterna na afirmação de ISAÍAS e outros profetas de que o salvador sempre vem de um lugar de onde menos o esperamos. Justamente onde não esperamos vida, lá ela estará; porque a vida que nós conhecemos está quase exaurida, a nova vida sempre vem de algum canto inesperado. Por isso, a idéia paradoxal do Messias negro é, certamente, uma expressão simbólica que coaduna com a nossa psicologia.

O fato de que a cabeça se parte em fragmentos significa que esta forma pode ser abandonada pela mulher porque ela absorveu o fogo que emanava da cabeça, e isto é uma grande coisa. O fogo que a atravessava é a essência da visão; é inspiração, força dinâmica; instiga para ação ou para empreendimento – como o fogo de Pentecostes que inspirou os discípulos para sair à rua e falar diferentes línguas...

O exorcismo do fogo

Mas fogo, como foi dito, é também luciferiano. Naturalmente não esperariam que esta cabeça preta difundisse uma influência particularmente espiritual. É uma influência duvidosa. Ela diz:

- *Visão*: Eu vagava numa grande planície, onde vi uma serpente e eu pedi à serpente que me levasse embora. Ela me conduziu através de um gramado fresco à beira de um rio. No rio vi a bela forma de um homem. Entrei na água e o segui. Ele me tomou pela mão, subimos uma ribanceira e entramos num templo. Eu disse: “Expele de mim o fogo”.

> Ele me disse que ajoelhasse perante o altar e deu-me água para beber, mas eu disse: “O fogo, dentro de mim, ainda queima”. Ele desembainhou sua espada e golpeou as paredes do templo de modo que elas, com ruído de trovão, desabaram. O homem, então, colocou a mão na minha testa e disse: “Mulher, está perdoada. Levanta-te e comunga com o povo”. Eu vi muitas pessoas em redor de nós. Caminhei até elas e elas me tocaram com as mãos. Por fim eu disse> “O fogo já não está dentro de mim, estou purificada”. Ergui meus braços para o céu enquanto os raios do sol desciam sobre mim.

A serpente é, aqui, uma indicação de que ela tem que ser cautelosa, tem que estar alerta, mas que a conduz para o rio da vida. A bela figura do homem que ela encontra lá refere-se ao homem que é o obstáculo na sua estória pessoal. Isto indica que no rio da vida real, no curso dos acontecimentos, aquela imagem reaparecerá e ela terá que encontrá-la. Aqui podem ver algo referente à parte da mente primitiva que ela descobriu no ovo e que diz a ela> “Esta é a tua pedra de toque. Esta é a coisa que, eventualmente, tens que encarar.” E porque, as pessoas muitas vezes me pergunta, isto tem que ser rebaixado a um tal teste? Porque as coisas têm que entrar na realidade? ... Porque se a coisa permanecesse simplesmente como um pensamento, então, o ovo não conteria vida; ele seria praticamente uma casca vazia. Neste caso, o jogo não valeria a pena, não teria sentido abrir o ovo, ou incomodar-se, absolutamente, com tais fantasias. Mas temos que nos preocupar com elas porque elas realmente contêm os germes da vida, sem os quais aquela vida em particular permaneceria mutilada ou estéril... Por isso, quando ela abre o ovo, quando aquela cabeça fala com ela, quando o fogo entra nela, ela inevitavelmente será

confrontada com a realidade. Assim, podem compreender porque a serpente significa que ela tem que ser prudente. As coisas estão se tornando reais.

Agora ela entra na água; ela se entrega ao curso dos acontecimentos e segue o homem. Já vimos antes que o Animus geralmente a precede em situações onde as coisas são obscuras e onde ela não confia em si mesma – antecipando-a ou cumprindo o rito de entrada, assumindo de novo o papel de condutor de almas, do HERMES *psichopompos* , ele a toma pela mão e, deixando o rio, entra num templo na ribanceira... Esta mulher não sabe o que está à sua frente; ela simplesmente permite que ele tome a liderança... e pede q ele que retire dela o fogo. Ela está repleta do fogo que saiu daquela cabeça, mas não sabe como aplicar sua nova aquisição...

Primeiramente, ele tenta os meios usuais, levando-a do rio para um lugar retirado, onde ela está protegida pelas grossas paredes e pelo mana do templo, dando-lhe água para beber, com a razoável idéia de extinguir fogo com água... mas há certas situações onde a razão são ajuda. Ela tem que confessar que o fofo ainda queima... Agora ele entende que nenhuma santidade, nenhuma sacralidade pode apagar aquele fogo... Ele não a leva para fora, mas destrói o recinto sagrado, o lugar de quietude bem murado, e depois disto todo o mundo circundante pode entrar, por assim dizer. O lugar sagrado já não é sagrado, ele agora é profano e, certamente, o efeito disto é que ela é praticamente levada de volta ao rio. Isto é muito importante. Então, o homem coloca as mãos na testa dela e diz: “Mulher, estás perdoada”. O que lembra isto?

Resposta: São as palavras de Cristo à prostituta.

Dr. JUNG: Sim, o caso da mulher adúltera é análogo a este – lembram-se, tivemos a veste escarlate. E aqui o Hermes Psychopompos desenvolve-se um pouco mais; assume o papel de Cristo e a suposição é, através da analogia com a história da mulher adúltera, que ele agora apagará o fogo, isto é, criará uma situação psicológica que a livrará dele, permitindo a fusão dos elementos contrastantes. Porque sentimos alguma coisa nos queimar quando ela é incompatível com nosso anterior sistema de adaptação; se mudamos aquele sistema, então a coisa ígnea pode entrar sem nos destruir, mas se o deixamos como era, ou o fogo será posto fora ou nossa carne será queimada – isto deixaria uma terrível cicatriz.

Assim, o rito no templo serviria o propósito de unir duas coisas que até então eram incompatíveis; há uma idéia de adultério nesta fantasia, que tem que ser aceita no todo do seu sistema sem queimá-lo. Ela não pode, simplesmente, destruir a idéia toda – porque esta é a vida do fogo eterno; ela tem, portanto, que mudar seu sistema de adaptação. Isto foi o que Cristo fez pela mulher adúltera, e como ele era o filho de Deus, teve efeito; Ele a mudou tanto que ela pôde aceitar isto no seu sistema, e pôde manter-se firme e não mais ser moralmente destruída.

Como vêem, é tremendamente importante que as pessoas sejam capazes de aceitar-se a si mesmas. De outro modo, a vontade de Deus não pode ser vivida: elas ficam, de certa forma, restritas ou mirradas; elas não produzem, realmente, a si mesmas de forma a expressar a totalidade da vontade criativa que está dentro delas; elas pretendem um julgamento melhor do que o próprio Deus, assumem que o homem deve ser “assim e assado”. Desta forma,

excluem muitas das suas melhores qualidades... O que o senhor fez pela mulher adúltera foi alterar o seu sistema, de modo que ela podia aceitar o fato e sentir-se, mesmo assim, redimida. Ninguém é redimido por arrependimento, continuamos o mesmo velho Adão, porque por arrependimento não mudamos; podemos estar batizados ou algo como isso, mas esta não é uma mudança verdadeira. Tem que haver uma mudança do sistema, uma aceitação das coisas que anteriormente eram inaceitáveis. Quando aceitamos o fato da nossa inferioridade, ela vive conosco; somos ela também, mas não exclusivamente. Não somos apenas brancos; uma parte é preta, mas ambas fazem o homem todo. Não estamos eliminando a substância branca quando podemos aceitar a preta – ao contrário, só quando não o podemos é que as coisas vão mal, quando não há outra coisa a não ser apenas branco ou apenas preto. Isto é simplesmente neurótico.

Assim, a cura evangélica é muito sábia. Cristo ajudou a mulher a aceitar-se a si mesma como era e isto é o que o Animus está fazendo aqui, quando assume o gesto de Cristo. Agora veremos o efeito da cura. Ele diz: "Levanta-te e comunga com o povo". Qual é o significado disto?

Resposta: Se te aceitas a ti mesmo, então o mundo pode aceitar-te.

Dr. JUNG: Sim, é justamente isso. Podem observar pessoas com sentimentos de inferioridade que não são aceitas, porque elas não se aceitam a si mesmas. Se querem ser apreciados ou amados, apreciem a si mesmos, amem a si mesmos, sejam justos consigo mesmos, e todo mundo fará o que for justo para os senhores. Às pessoas que dizem: "Oh! Eu estou muito interessado nas

pessoas, amo-as, mas odeio a mim mesmo", eu respondo: "Ninguém te suporta porque carregas contigo o mau cheiro dos teus estábulos; vai e limpa-os primeiro, e então, nós te aceitaremos como um ser humano limpo; então gostaremos de ti, se houver alguma coisa para se gostar". Isto é que eles sempre esquecem, o que vem do nosso errado tipo de educação cristã...

Comungar com o povo significa: reconhecer que somos todos iguais, que sofremos pelos mesmos problemas; não permanecer mais isolado, mas antes ser humano entre seres humanos. Isto é, evidentemente, uma tremenda aquisição que remove os sentimentos de inferioridade desta mulher; ela é aceita, ela está na humanidade, ela está sobre o solo que é comum a todas as coisas vivas. Ela é justamente uma árvore entre muitas que conseguiu enraizar-se; não há sentimento de inferioridade... Apenas as nossas mentes causam tais sentimentos e fazem aquela tremenda e blasfema suposição de que sabemos melhor do que a vontade dentro de nós...

Disto podemos tirar a conclusão que não deveríamos interferir, para que a coisa possa funcionar. Se apenas pudéssemos aprender a arte de não interferir! Nós nos atrapalhamos demais pela interferência intelectual, sempre sabendo melhor; este é o obstáculo. O que devemos fazer na análise é remover essas opiniões conscientes, ajudando a natureza para que ela possa trabalhar no seu modo quieto, através dos seus símbolos, sem a nossa muito detestável intervenção. Vejam que este rito mágico agora atuou. O fogo está extinto e ela confessa num estilo realmente antigo: "Estou purificada", como se confessasse: "Eu estou renascida". Através da aceitação, não cortando fora a coisa – isto não ajuda – mas aceitando-a, ela está purificada e é trazida de

volta ao regaço da humanidade. E então, ela diz: “Ergui meus braços para o céu enquanto os raios do sol desciam sobre mim.” Sendo humana, comungando com a humanidade, ela pode receber a benção do sol que é, sem dúvida, uma experiência religiosa.

Só aquelas pessoas que realmente podem tocar o fundo, podem ser humanas. Por isso, Mestre ECKHART diz que não devemos nos arrepender demais dos nossos pecados, pois isso poderia nos manter afastados da graça. Só se confronta com a experiência espiritual aquele que é absolutamente humano... Uma boa dose de antiga verdade religiosa está colocada aqui, de uma forma muito incomum; por esta razão, a paciente não a reconhece, e isto ajuda muito – porque ela não pode destruí-la... Este é um belo exemplo de uma verdade eterna que se introduz furtivamente no seu sistema, quando ela não está percebendo isto, e assim pode atuar...

O negro aparece inteiro

- *Visão*: Eu vi um negro deitado sob uma árvore. Nas suas mãos havia frutas. Ele cantava com uma voz cheia, ressonante.

(FIGURA PÁG. 80)

Agora mostrarei a pintura realmente linda que ela fez sobre isso. Sempre que os pacientes produzem uma imagem especialmente bela, pode-se ter a certeza de que a coisa que tentam expressar representa para eles um particular valor, assim que suas habilidades são mobilizadas e entram em ação. Em geral, meus pacientes não têm conhecimento de desenho ou pintura, mas quando uma

imagem que expressa uma idéia particularmente abrangente insinua-se por si mesma, então, todas as faculdades do indivíduo são evocadas, e é como se o próprio corpo as sustentasse no seu empenho. Com freqüência, eles começam fazendo um tipo de imagens ideográficas, usando apenas as suas mentes e nada de natural surge nelas, mas no momento em que uma imagem especialmente abrangente constela-se no inconsciente, o corpo, de repente, ajuda-os a produzir um verdadeiro desenho... Agora, o que sugere aos senhores esta pintura?

Resposta: Parece um homem em êxtase dionisíaco.

Resposta: Para mim, sugere o Deus Attis.

Dr.JUNG: Attis é um deus da vegetação. Talvez conheçam outros paralelos? Eles são os deuses que morrem e ressuscitam e Cristo pertence a esta categoria, também.

Resposta: Mithras, Osíris, Adonis, Odin trespassado pela lança. Jacchos, que na realidade é Dionísio de novo, a forma específica nascida na peneira.

Dr. JUNG: Os deuses pranteados também pertencem a este grupo. Na Grécia havia Linos, o famoso deus que morre jovem, e na Babilônia, Tammuz que, cada ano, era lamentado pelas mulheres. Os deuses que morrem e ressurgem representam uma idéia especial que é, certamente, muito e muito antiga – como a idéia de Osíris no Egito. Todas as diferentes formas disto foram, por assim dizer, coligadas e preservadas para uma fase posterior de

civilização, na forma de Cristo. Porque também Ele é o grão de trigo que ressuscitou. Tais deuses são chamados os deuses da vegetação e usualmente, seus ritos eram executados na primavera – conhecem o súbito aparecimento da primavera nos países do sul, depois das chuvas de inverno e a forma como desaparece rapidamente perante os ardentes raios de sol. O milagre da primavera é particularmente impressionante na Mesopotâmia, onde tais figuras provavelmente têm sua origem...

Mesmo assim, embora esses assim chamados deuses da vegetação sejam expressados externamente pela primavera que chega e desaparece, são de origem psicológica. Não estamos vendo um deus quando as flores desabrocham, mas isto é o que a nossa psique faz disto; é uma espécie de reverberação na nossa psique, um fenômeno psicológico que originalmente coincidiu com os processos da natureza; isto é, coincidiu enquanto o homem estava, como os animais, em completa participação mística com a natureza. No estado paradisíaco ele era tão idêntico com seu meio que experimentava todas as diferentes fases da natureza ao chegarem...

No entanto, pelo desenvolvimento, ele percebeu que não era a primavera fora que lhe dizia respeito; assim, o processo destacou-se dos eventos externos...

Agora, nesta visão, o negro tomou o lugar daquela figura arquetípica do deus da vegetação, o deus que morre cedo. O relacionamento dele com a vegetação é perfeitamente óbvio pelas frutas. Na América temos Mondamin, o deus da semente, em estreito paralelo com Jacchos ou qualquer um dos outros, porque todos são deuses da colheita. Por isso tem este negro fruta em suas mãos. E ele

está sob uma árvore, o que mostra que a árvore é, de certo modo, um atributo seu. (Neste sentido, esses desenhos são como as antigas representações dos deuses, sempre apresentados com seus atributos particulares.)... Também o sangue que jorra, seria uma manifestação da fertilidade da terra: a vida da planta espalha um rio de opulências sobre a terra, os campos férteis são como uma correnteza de trigo dourado – essas são figuras poéticas bem conhecidas.

Em conexão com a idéia do negro como um deus da vegetação, o que mais simbolizaria o sangue? Tempos que ver também este aspecto.

Resposta: Vinho.

Dr. JUNG: Sim, vinho e trigo sempre caracterizam a fertilidade da terra e são também símbolos na comunhão cristã; assim, o sangue pode muito bem ser uma correnteza de vinho. Daí, este gesto absolutamente dionisíaco do negro. Todos estes atributos e o inteiro contexto mitológico confirmam uma idéia que tivemos sobre este negro. Qual era?

Resposta: O Messias negro?

Dr. JUNG: Sim, ele é um mediador. Todos aqueles deuses foram mediadores, porque participaram da destinação humana. Deuses, em geral, não morrem, mas aqueles deuses morreram. Por isso, nos períodos posteriores da história egípcia, Osíris era simplesmente uma designação ou uma palavra técnica para a própria alma, a parte imortal do homem. O Osíris do rei ou do Faraó era encarado como uma substância imortal, como uma coisa que ele tinha em com

um com o Deus que morreu como homem e que podia superar a morte pela ressurreição. Este negro, como um mediador, está realmente representando algum papel arquetípico desta espécie; ele indica a reconciliação entre o homem e a coisa que está contra ele, ou da qual ele se tornou destacado. Neste caso, ele é uma espécie de mediador psicológico... Poder-se-ia dizer que ele está mediando entre o moderno ponto de vista dela, com sua exclusividade e unilateralidade, e o instintivo e natural ponto de vista que compensa aquele... Os senhores sabem, já encontramos o Animus indo à frente, fazendo a ponte para o passo seguinte, e aqui, ele atua do mesmo modo outra vez, para a nossa paciente, ele mostra a ela o símbolo reconciliador. Que atitude pode ela aprender deste gesto particular?

Sugestão: "*Stirb und werde*". Morre e vem a ser.

Dr. JUNG: Sim, mas é exatamente isto o que as pessoas não entendem...

Sugestão: Um sacrifício?

Dr. JUNG: Sim, mas muito involuntário. Ele é natural, um sacrifício dentro do propósito da natureza. Uso outra vez uma frase de GOETHE, "A natureza exige uma morte". É natural, ninguém a estava impondo. Como uma casca que se rompe, ou uma fruta caindo da árvore, assim o vinho ou o sangue flui. É um fluxo natural, uma manifestação natural, não uma morte imposta, nem um sacrifício auto-infligido. E a atitude é de... alegria, ou o amor pelo seu próprio destino – amor fati. Uma espécie de entusiasmo... por seguir o caminho da natureza, por seguir a lei que está dentro de nós mesmos. O negro

mostra um completo abandono às leis que estão operando nele, e isto conduz à fertilidade...

Mas, realmente, torna-se necessário um extenso comentário para interpretar uma tal imagem. Dizer "Siga o caminho da natureza" não é inconfundivelmente claro, porque temos idéias preconcebidas sobre a natureza. Se eu dissesse isto para uma sociedade de filósofos ou teósofos, eles retrucariam: "Exatamente, naturalismo, Rousseau, isto é o que nós esperaríamos". Mas vejam, eles esquecem totalmente que a natureza demanda uma morte. Isto é o que Cristo diz nos "Logoi" recentemente descobertos, que os antigos padres da Igreja cuidadosamente não admitiram no Novo Testamento, a despeito do fato de que são muito mais antigos do que os Evangelhos e igualmente autênticos. Os discípulos perguntaram a Cristo quem os elevaria, porque o Reino do Céu está tão acima, no céu (os antigos egípcios usavam colocar uma pequena escada na tumba do morto para que ele pudesse subir ao céu), e ele disse: "Os pássaros do ar e todos os animais que estão em cima e embaixo da terra, e os peixes do mar, são estes que vos conduzirão ao Reino". Isto significa os instintos – quase os instintos cegos; o caminho da natureza os levará muito naturalmente aonde devem estar. Esta é a idéia de Tertuliano: *anima naturaliter christiana*, isto é, a alma é naturalmente cristã; em outras palavras, um processo natural nos conduz à formulação cristã...

De acordo com muitas das nossas idéias preconcebidas, o homem é todo errado e pecaminoso, mas essas idéias são absolutamente falsas. Porque, quem, senão o homem, criou as religiões do mundo? Quem produziu Cristo? Quem produziu Buda? Tudo isto é crescimento natural do homem. Deixado a

si mesmo, o homem pode efetuar sua própria salvação bem naturalmente. O homem sempre produziu símbolos que o redimiram; assim, se seguimos as leis que estão na nossa própria natureza, elas nos conduzirão ao fim correto.

Vejam como as coisas se desenvolvem aqui; esta mulher não se desvia, nem um pouquinho. Poder-se-ia esperar, que se alguém foi entregue às suas próprias fantasias, isto resultaria, como diz FREUD, apenas em satisfação de desejos, e tudo iria para o inferno, completamente. O teólogo pensa que o homem é do diabo, que todo mal vem do próprio homem; então, ele pensa que não se pode confiar na própria lei. Mas, se não confiamos na nossa própria lei, temos que nos contentar com uma neurose. Temos que confiar em nós mesmos com a nossa própria experiência porque, de acordo com a lei natural, seremos conduzidos a um estado de inteireza; não falo de um estado de perfeição – isto é preconceito – mas de inteireza, que parece ser uma espécie de crescimento e que contém todos os valores espirituais que se possa desejar. Como percebem, esta visão não conduz a qualquer coisa destrutiva; conduz a uma natural fertilidade.

Pergunta: O senhor diria que auto-julgamento e auto-crítica são também partes da natureza humana?

Dr. JUNG: Naturalmente são e nós sabemos disso.

Pergunta: Faz parte também de nós, não apenas aceitar a nossa natureza, mas também julgá-la, modificá-la?

Dr. JUNG: Sim e nós fazemos isto com maior ou menor sucesso. A questão é: são bons os nossos critérios?...

Tenho que te conhecer?

- *Visão*: Eu disse ao negro: "Tenho que te conhecer?" Ele respondeu: "conhecendo-me tu, ou não, eu sou". Eu lhe perguntei: "Oh, negro, o que está cantando?" ele me respondeu: "Pequena criança branca, eu canto para a escuridão, para os campos flamejantes, para as crianças dentro do teu ventre." Enquanto ele cantava, o sangue jorrava de seu coração, em lentos e rítmicos batimentos. Fluía numa corrente que cobria meus pés. Eu segui a corrente de sangue..."

Tanto faz se a conhecemos ou não, a coisa acontece, quer a chamemos lei da natureza ou apenas aquele particular pensamento; ela sempre existe – a questão é somente: nós a contatamos ou não? Podemos nos tornar conscientes dela? Esta figura do negro, de certa forma está completamente desligada, não particularmente interessada nela. Ele existe para si mesmo, como a natureza; a natureza não está especialmente interessada no homem; não de tal forma que nós sintamos isso; mas, já que a natureza está também no homem, temos que admitir que ela está interessada na existência dele...

Que o negro, de fato, tem um certo interesse por ela, vê-se pela sua resposta, em que ele explica que canta para a escuridão, para os campos flamejantes, para as crianças do seu ventre. Ela diz "canta para", mas o termo técnico mais adequado seria sem a preposição – como os pescadores escoceses quando vão

ao mar para pescar ostras, cantam as ostras; ou os bugres australianos, que cantam a água, ou cantam a semente de grama ou o canguru. É uma espécie de encantação para produzir abundância, um procedimento mágico pelo qual a fertilidade é assegurada... Assim, o negro, obviamente, está executando uma encantação mágica, acrescentando poder, um valor produtivo ou fertilizante, à consciência dela.

Tais símbolos têm que ser conscientizados, pois do contrário, seus efeitos permanecem ou invisíveis ou quase nada. É como se alguém tivesse uma cédula em algum canto do bolso mas não soubesse dela; ela não teria valor, seria como se não existisse. E assim é na natureza. Certamente, mesmo não sabendo dela, ela produzirá certos efeitos, mas estes serão avessos, interferirão em nós; porque não saber do inconsciente significa que nos desviamos dele, que não estamos em harmonia com ele, e assim, ele trabalha contra nós. É bem possível que se esta mulher não estivesse consciente dessa figura, ela simplesmente formaria um complexo que atuaria contra ela. De fato, esta figura sempre trabalhou contra ela, e ela só pode perceber o poder positivo de tais figuras, tornando-se consciente delas. O valor destas visões é que elas a ajudam a perceber os conteúdos inconscientes , porque eles não podem atuar de modo adequado se não são admitidos à consciência. Mas, se alguém pode perceber conteúdos inconscientes, isto em si mesmo já é valioso, porque já está próximo na natureza, e então, o próximo passo é admiti-los. De outro modo, o consciente não tem suporte, não tem raízes, a natureza assume uma atitude contrastante e torna-se mesmo um oponente. O inconsciente, então, não se interessa pelo homem, rola nos seus próprios ciclos, e o homem é largado em qualquer parte, abandonado, encalhado.

Por exemplo, eu citei o caso daquela pessoa psicótica que sonhava com os mais magníficos mitos de morte e ressurreição, mas nada acontecia ao seu consciente; ele não era afetado. Se ela tivesse sido capaz de entendê-los, o inconsciente teria sido atraído, teria emergido e aumentaria sua consciência. As pessoas, muitas vezes, apontam que a escola freudiana encara o inconsciente como algo estranho, selvagem, oponente e criminoso. Mas, mesmo supondo que o inconsciente tenha tal atitude, isto tem que resultar do fato de que a consciência era hostil com o inconsciente; tem que ser porque a consciência tomou um rumo muito diferente e, por isso, evocou o aspecto negativo do inconsciente. Mas, se alguém aproxima-se do inconsciente de maneira amistosa, ele perde seu aspecto perigoso, e o que era inteiramente negativo, torna-se positivo. Vê-se isso nos sonhos. Muitas vezes, pode-se ter sonhos e considerá-los destrutivos e ruins, os quais apresentam a coisa que não se pode aceitar, mas isto é devido, meramente, ao fato de que a atitude consciente é inadequada. Se alguém diz: “Isto parece bem errado e preto, mas talvez, eu tenha que aceitá-lo”, instantaneamente a coisa muda de cor e torna-se compatível com a consciência.

Assim, o interesse do negro pelo bem-estar ou pela fertilidade da nossa paciente, é devido à sua prontidão para contatar o inconsciente ou aceitá-lo; assim, enquanto ele canta e ela entrega-se a uma conversa com ele, ela percebe que ele faz jorrar a corrente de sangue. Lembram-se que já encontramos esta corrente de sangue numa visão anterior; ela nadava nela, e seguindo-a, chegou ao lugar central, ou ao centro do seu próprio Si-Mesmo. Aqui, há de novo a mesma coisa – ela tem que seguir a corrente de sangue.

- *Visão*: A corrente me levou mais e mais para baixo. Por fim, encontrei-me numa caverna rochosa, embaixo da terra. Era muito escuro. Vi um fogo em brasa. Acima do fogo eu vi uma fênix que, constantemente, elevava-se e batia a cabeça contra o topo da caverna. O fogo criava pequenas serpentes que desapareciam. Ele criava, também, homens e mulheres. Eu perguntei à ave: "Para onde vão eles?" A ave respondeu: "Embora, embora." A ave disse: "Entra no fogo, mulher." Eu disse: " Não posso, me queimará." A ave mais uma vez me ordenou. Assim, eu fiz e as chamas subiram, queimando minha roupa. Por fim, eu estava nua.

O que é essa caverna para onde a leva a corrente de sangue?

Resposta: O abdome.

Dr. JUNG: Sim, ela é levada para baixo... para a cavidade abdominal, que é, aqui, uma localização psíquica... Significa que ela alcança em baixo, com a sua intuição, por assim dizer, a região abaixo da consciência; e lá ela encontra um fogo já incandescente... Agora, o que é este fogo? Eu mesmo, durante muito tempo, não sabia dele.

Resposta: A Kundalini Yoga.

A Kundalini Yoga

Dr. JUNG: Sim, o fogo da serpente. Há peculiares idéias no sistema tântrico hindu que foram descobertas pela prática da yoga, e encontramos praticamente o mesmo simbolismo nestas visões (como foi sugerido antes em conexão com o ovo). Descendo à caverna do inconsciente, os yogis tântricos descobriram uma série de centros corpóreos, começando em baixo do abdome, através dos quais, diziam eles, o Kundalini – isto é, o poder da serpente – eleva-se, se uma vez foi despertada. A mais baixa destas regiões é *muladhara* no períneo, na base da pelve menor. Aquele é o centro-raiz, onde se inicia o sistema inteiro, e onde a serpente Kundalini jaz enrolada em redor do Shiva Bindu. A região seguinte, acima de *muladhara* é a região da água, a região da bexiga na entrada pélvica. Não há evidência, mas a terceira região abdominal, correspondendo ao plexo solar e chamada região do fogo, parece ser, claramente, um centro psíquico. Existem, ainda, na África, membros de tribos que afirmam que os pensamentos estão no estômago. E, realmente, é possível sentir lá, certas emoções. Por isso se diz que é difícil digerir uma idéia, ou que o estômago está virado quando não se pode digerir certas emoções ou ansiedades... O centro seguinte acima é próximo à região do diafragma. A palavra vem do grego PHREN, que significa mente. Este centro é idêntico com o coração, que, certamente, é uma espécie de centro do sentir. É também um centro emocional, mas de natureza diferente, porque acima do diafragma, a consciência, possibilidade de reflexão, parece começar... Inicia-se, aqui, um tipo de continuidade moral. Acima do coração vem o centro na região da laringe, e ainda outro na cabeça. Seis ao todo.

Os senhores compreendem, naturalmente, que esses centros são meramente metafóricos. As pessoas, as vezes, supõem que tais centros existem realmente, mas os hindus mesmos dizem apenas que é “como se” existissem tais centros; não é para se tomar literalmente. Mas, o interessante é que os sintomas que ocorrem quando, como se diz, o Kundalini se eleva através desses centros localizados, quase apontam fatos fisiológicos; é, realmente, “quase como se” existissem centros como estes, que influenciam certos órgãos. Pessoas na quais a serpente Kundalini chegou à região cardíaca, provavelmente sofrerão de sintomas neuróticos no coração; e, enquanto o Kundalini é inconsciente, sofrerão perturbações abdominais. Como já lhes disse, dificilmente há algum caso de histeria que não seja acompanhado por perturbação abdominal; também por peculiares excitações sexuais. Quando Kundalini inicia seu movimento, há perturbação sexual, e em seguida, haveria irritação na bexiga, como um urinar forçado. Então, vem o estômago, depois o coração e depois as regiões psicológicas superiores...

Aqui chegamos ao centro do fogo, no centro do abdômen, e o fogo está vivo, mas adormecido. Nos mitos mais primitivos, este é o fogo que o herói faz na barriga da baleia-dragão... Mas em nós, o fogo já está aceso, já não precisamos fazer aquilo; porque o tempo do mito primitivo já passou. Assim, esta mulher já encontra um fogo lá e ela vê uma ave-fênix continuamente voando para cima e batendo a cabeça contra o teto da caverna.

A fênix é um símbolo de renascimento – como a água ou qualquer outra, que no misticismo ou na alquimia, emerge do fogo. Isto significa que, deste centro incandescente de paixões, emoções, lá de baixo no plexo solar, alguma coisa

pode elevar-se ao reino do ar, à consciência; é um germe de consciência superior que, originalmente, está contida no fogo embaixo, mas que pode tornar-se airosa e subir até a cabeça, ou talvez a uma altura maior, além da cabeça. Essa é, realmente, a idéia que deu origem tanto ao sistema tântrico, como ao nosso sistema de filosofia alquimista na idade Média. Mas aqui a ave está encerrada; ela bate-se contra o teto da caverna e não pode sair; está presa. Isto significa, obviamente, que o germe, aquela forma superior de consciência, não pode romper o teto da caverna... e agora, o que seria essa ave? Eu a chamei um germe de consciência superior, alguma coisa que realmente é destinada a elevar-se até uma grande altura.

Resposta: Espírito.

Dr. JUNG: Mas o que significa, na realidade, o mito da fênix? Bem, em linguagem psicológica, este centro de fogo é o centro da paixão e do entusiasmo, e é exatamente o centro da emoção do primitivo; e está embaixo, na barriga, é pré-psicológico. Alguma coisa que poderia ser chamada espírito ou alma, origina-se em uma espécie de fogo naquele nível pré-psicológico. A consciência origina-se na paixão...

Mas agora o produto daquele fogo, ou o produto da paixão, neste caso, não pode escapar para a consciência; está preso no inconsciente. Porque não pode ele subir para o ar, tornar-se visível? Obviamente, a consciência não está pronta para aceitá-lo, mas porque não? Uma fênix pareceria ser antes agradável.

Resposta: Porque vem da região abdominal.

Dr. JUNG: Exatamente; vem da primitiva cabeça negra, vem do abdômen; assim parece a ela, de certo modo, inadmissível. Ainda há um resíduo na consciência de nossa paciente que não permite aparecer aquela espécie particular de mente ou espírito...

Comentário: Mas é o inconsciente mesmo que impede a ave de voar para cima.

Dr. JUNG: Isto é perfeitamente verdadeiro, o inconsciente não tem chance de entrar no consciente, a não ser que este faça um orifício para que ele passe... Mas aqui a visão está centrada no fogo e ela diz: "eu vi o fogo criar pequenas serpentes que desapareceram." Então, por isso chamam os hindus aquela serpente encolhida Kundalini, o fogo de serpente, porque observaram visões como esta. Esta mulher, não conhecendo absolutamente as visões tântricas, reproduz exatamente a mitologia da filosofia tântrica...

Talvez a ave não possa elevar-se até a consciência devido ao fato de que seu consciente supõe que lá embaixo há apenas serpentes, e estas são encaradas como perigosas e venenosas. Mas, como vêem, o fogo produziu ambos; as serpentes seriam o contra-peso para a ave inofensiva. Então, ela diz que o fogo criou também homens e mulheres. É um fogo extraordinariamente criativo; parece ser o criador do mundo. E isto coaduna exatamente com a idéia na filosofia tântrica de que o fogo é o criador... Finalmente a ave disse: "Põe-te no fogo, mulher!" Ela replicou: "Não posso, ele me queimará." A ave

ordena de novo. Ela obedeceu e as chamas queimaram sua veste e, por fim, ela está lá, nua.

O fogo da purificação

Isto explica porque permanece ela embaixo, com aquele fogo vivente; é o fogo da purificação... Aparentemente, ela agora é a própria fênix e entra no fogo para arder. Mas o que acontece? Só suas roupas se queimam e ela permanece, nua – uma evidência, novamente, de que ela está se tornando ela mesma. Esta passagem significa, simplesmente, que através do fogo da paixão, na condição pré-psicológica, quando não se consegue e não se raciocina, quando se entrega completamente e se permite que a dor ou a emoção domine totalmente, ocorre a purificação, tornamo-nos nós mesmos. Este é o teste do ouro: o verdadeiro ouro mostra sua qualidade no fogo. Esta é também uma idéia alquímica – ela se torna a substância verdadeira. Então, o fogo se extingue e a ave desaparece, porque ela mesma é, agora, a ave. Esta consciência superior é a consciência do Si-Mesmo. E ela chegou a perceber o fogo falando com o preto Negro...

Porque é tão importante que a nossa paciente tenha sido forçada de tal forma a uma absoluta nudez? Porque ela não pode tolerar, pelo menos em certa medida, uma leve condescendência à persona?

Resposta: Porque assim, ela tomaria apenas meias medidas; ela não encararia a situação inteira.

Dr. JUNG: Isto é exato, mas há aqui um outro ponto. Naturalmente, ela tem que se ver como realmente é; ela já encarou uma boa parte, mas agora ela é chamada a uma ainda mais intensa consciência de si mesma. Vamos supor, por um momento, que ela já se convenceu realmente de seu problema. O que mais pode haver aí?

Resposta: Saber o que adquiriu que a ajudaria a ir para a frente.

Dr. JUNG: Exatamente. Estar consciente de si mesma como ela está, ajuda-a a encarar seu próprio problema, porque neste caso ela está convencida de que se trata de seu próprio problema individual. A maioria das pessoas não acredita nisto. Elas supõem que é apenas um engano quando se confrontam com certos problemas na vida. Por exemplo, uma pessoa me diz que no ano tal e tal cometeu um erro fatal. Mas não existe uma coisa assim – isto é o destino e não há erros no destino. O destino é maior do que nós. O que ocorreu com esta pessoa, então, era apenas o que tinha que acontecer; não houve erro, olhando do lado da sua estrutura interna. Se esta pessoa se conhece saberá que o erro é ela mesma e que portanto, tem que encará-lo.

Mas este é apenas a metade do valor do conhecimento da própria individualidade. Se uma pessoa encara seu problema, se o vive, ela realmente dirige sua própria vida com pleno conhecimento do que está fazendo, e mesmo assim ela ainda pode fazer isto com uma ilimitada falta de consideração que é peculiar à consciência... O perigo do nosso modo de viver consciente é que, constantemente, perdemos de vista a verdadeira meta e perseguimos metas imaginárias. Isto nos impede, por completo, de avançar;

sempre leva a um tipo de falta de limites. Os processos conscientes, como também o inconsciente – isto é, o poder de trás, dos instintos – estão sempre empurrando para fora, com um movimento centrífugo contra o qual é necessária alguma proteção, e a única proteção é o conhecimento ou consciência das limitações individuais, daquilo que se é, sem véus. Temos que saber o que podemos fazer... Se temos uma imagem consciente do que somos, sabemos que espécie de vida coincide com o nosso feitio individual. Mas podemos estar certos de que erraremos se imitamos alguém mais, se seguimos uma convicção ou um princípio que não se adapta ao nosso feitio individual.

Assim, neste momento, quando as coisas ficam mais e mais quentes, nossa paciente é outra vez, enfaticamente, chamada de volta ao conhecimento de si mesma; sua imagem é colocada diante de seus olhos, de modo que quando as visões avançarem, ela nunca perderá outra vez de vista a si mesma; ela sempre saberá quem ela é. Porque as figuras do inconsciente coletivo que aparecem nestas visões poderiam facilmente insinuar que ela é bem outra coisa do que aquilo que é, e então, ela perderia a convicção sobre si mesma e perderia seu caminho. É uma tremenda tentação porque naquele caminho as pessoas fazem descobertas espantosas, descobrem coisas com as quais nem sequer sonharam...

Para todos os efeitos, aqui está ela na cavidade abdominal, na região onde se inicia o fogo e onde não há absolutamente, pré-concepções. É exatamente como se a vida estivesse começando outra vez, como se nada tivesse acontecido ainda.

No início da vida, na tenra infância, vê-se o que um indivíduo realmente é; crianças que já são introspectivas, já bem cedo, têm uma intuição sobre si mesmas, que talvez, nunca as abandonará. Elas sabem exatamente o que são. Mais tarde, elas perdem esse conhecimento; ele é parcialmente "espremido" delas e elas sucumbem parcialmente a certas ilusões; e só muito mais tarde elas se descobrem novamente. Esta é a razão porque a teoria freudiana dá tanta importância às reminiscências da primeira infância: se alguém pode recordar aqueles fatos, saberá aquilo que foi, porque o que quer que tenha acontecido, então era ele mesmo.

Naturalmente, de um certo modo nada acontece a nós, nunca, que nós não somos. A vida que vivemos é a nossa vida. Todas as nossas experiências são nós mesmos – aquilo é exatamente o que somos. Assim, quando alguém se queixa de ter sido vítima de um ataque sexual, digamos, na primeira juventude, e explica toda a sua vida por aquela ocorrência, tem-se que dizer que isto é lamentável, mas ainda assim era ele mesmo, ele o experimentou. Veja, se uma tal coisa aconteceu a uma pessoa, mas não foi sua própria experiência, não deixaria qualquer impressão. Geralmente, pacientes neuróticos pensam que uma coisa ou outra teve tal e tal efeito, mas outras pessoas passam através de numerosas experiências potencialmente devastadoras que não deixam impressão porque não eram delas. Mesmo assim, algumas vezes as experiências são traumáticas, e temos que ser acrobatas mentais para explicar porque – e era porque um cachorro abanou seu rabo para nós, ou algo semelhante.

O perigo de evocar a serpente

(FIGURA PÁG. 86)

Agora, o medo desta mulher, de tornar-se demente porque está aprisionada na caverna, não é fora de propósito, porque há um particular risco naquela associação íntima com os centros inferiores e todo iogi que estuda a Kundalini-Yoga está consciente do fato de que trilha um caminho perigoso; ele está bem ciente dos peculiares perigos de evocar a serpente. Porque ela, certamente, completará seu caminho, se possível – isto é, se o iogi é capaz de suportá-lo. Quanto mais a serpente progride, maior é o perigo e o momento mais perigoso é quando ela alcança a cabeça. Por isso é provável que poucos iogis atinjam o estágio em que a serpente entra no sexto centro (*ajna*) da consciência.

Mas essa experiência da Kundalini não deve ser confundida com a nossa consciência cotidiana; esta nada tem a ver com ela. Alguém pode ser perfeitamente consciente sem ter o tipo de consciência que é causado pela serpente. Todo esse processo de yoga é algo adicional ao desenvolvimento mental normal. Eu sempre tento deixar claro que este desenvolvimento da consciência não é um processo normal; poderia ser dito que é um desenvolvimento anormal, uma consciência adicional. Possivelmente não se pode dizer qual poderia ser o resultado de tal coisa; de certo modo será diferente de tudo que conhecemos. Como vêem, a experiência do despertar da serpente não é meramente uma experiência sexual; há milhões de experiências sexuais e não há uma verdadeira experiência de yoga entre elas. Isto é alguma coisa à parte, é um tipo particular de experiência sexual. Assim, o processo de

yoga é realmente algo que acontece num plano diferente, por assim dizer, e há perigos e riscos que não atendem ao desenvolvimento usual da consciência. Se alguém, por exemplo, alcança o ponto mais baixo, *muladhara*, poderia ser preso nas raízes. Tais experiências são tão reais, que pessoas sem o mínimo conhecimento da filosofia oriental pintaram figuras humanas presas nas raízes de uma árvore; há uma em "O Segredo da Flor de Ouro", uma figura feminina deitada, adormecida nas raízes – em *muladhara*.

Está associada ao perigo de insanidade porque a insanidade realmente é aquela fixação nas raízes da consciência. É exatamente como se neste processo de Kundalini alguém estivesse abrindo mão de todos os conseguimentos da civilização e vivendo de novo toda a experiência do mundo e, naturalmente, há o perigo de que, quando alguém retorna ao estado animal, possa ser aprisionado no animal; a psicologia animal pode dominar a consciência humana e torná-la demente ou dissociada. Por isso, um típico caso de insanidade poderia ser chamado uma experiência de yoga que não deu certo; alguma coisa foi tocada nas raízes de tais pessoas, de modo que a serpente elevou-se e elas foram apanhadas; emergiu uma quota de psicologia que elas não foram capazes de absorver. Quando se estuda um caso de esquizofrenia ou demência precoce, quase sempre se encontra uma experiência dessas no início da doença...

Pergunta: E qual é a diferença entre esses casos e o caso desta mulher?

Dr. JUNG: Oh! Ela pode enfrentar isto.

Comentário: Mas aquilo que ela faz é mais do que psicologia normal?

Dr. JUNG: Sim, é psicologia supra-normal. Percebam, a Providência realmente propunha que a psicologia neurótica fosse supra-normal, mas muitas vezes ela permanece infra-normal.

Comentário: Então, o neurótico deveria usar sua neurose para fazer dela alguma coisa?

Dr. JUNG: "Muitos são chamados mas poucos são escolhidos"; esta é uma verdade esotérica. É verdade que o neurótico só pode ser realmente curado por uma psicologia supranormal, uma psicologia adicional; e se isto não pode ser efetuado, ele ficará simplesmente mutilado. Ou são aleijados ou são supranormais...

Esta conexão com as raízes é uma experiência nova e muito peculiar. Como disse, é como se todo o processo do tornar-se consciente fosse repetido; assim, ele é expressado como um segundo nascimento, e aquele que passou por isto é chamado duas-vezes-nascido e supõe-se que entrou numa condição que é mana, ou tabu, ou redimido – qualquer que seja o termo religioso. De qualquer forma, é uma experiência que cria um novo tipo de consciência, que poderia ser caracterizado psicologicamente como uma consciência destacada, uma consciência que não está mais em participação mística. Não quero avançar em tudo isto agora, mas menciono-o para explicar-lhes a experiência pela qual nossa paciente está passando, o seu medo de insanidade...

Agora, esta mulher tem que permanecer um pouco lá embaixo, na escuridão, naquele medo muito compreensível, enquanto puder suportá-lo. Geralmente, tais estados de pânico ou de grande emoção duram ou se repetem enquanto alguém não os pode agüentar. Quando podem ser suportados, estão superados; se alguém pode tolerar uma tal condição e manter-se calmo, então ela se desvanece, é superada. É como se a energia fosse tomada da sua forma emocional e transformada em um tipo de consciência. Este é o processo da Kundalini.

O negro abre o Caminho

- *Visão*: Finalmente eu ouvi o Negro descendo. (Aquele |negro que estava deitado no solo, com as mãos cheias de frutas, aquele Deus da vegetação que estava acima enquanto ela estava embaixo.) Ele cantou: "Eu canto para ti, sobre a escuridão e os campos flamejantes". Ele abriu a porta da caverna.

Como vêem, ele é aquele que abre caminho para ela. Qual é o significado dele estar acima, enquanto ela está embaixo no inconsciente, dele estar fora, enquanto ela está dentro?... É porque ele é aquele poder que está no fogo da serpente, aquela parte que ela não podia suportar e que, por isso, estava projetada. Ele vive, ele carrega os frutos da terra, e ele está fazendo jorrar seu sangue. Agora, esta é uma idéia cristã, a idéia do herói. Nós não somos capazes de viver isto; assim, se temos um fardo, nós o jogamos sobre o herói o mais depressa possível e nos livramos dele. Pensamos que o herói pode carregá-lo e, mais ainda, ele promete redimir-nos – e esta é exatamente a razão

pela qual ninguém é redimido. Isto é totalmente impossível: é uma mera projeção, uma espécie de ilusão histórica que uma vez foi verdade e funcionou durante um certo período da história, mas que para nós não funcionará mais. Sabemos muito bem que se despejamos todos os nossos pecados sobre o Senhor, isto não terá efeitos; nada acontece e nós apenas nos tornamos neuróticos. Assim, o Negro simplesmente antecipou o que ela tinha que fazer – vir à superfície, receber os frutos e fazer jorrar o sangue. Agora, ele é aquele que abre o caminho, o *psychopompos*. Então ela diz:

- *Visão* (continuação): Ele riu ao ver-me. Ele disse: "Agora tu estás unida comigo". Subimos os degraus para a luz do dia. Ele disse outra vez: "Agora tu estás unida comigo."

Isto significa que eles estão em uma união inquebrantável. Como diriam os cristãos: Cristo tornou-se meu irmão e meu irmão sou eu mesmo, assim eu sou Cristo. Mas isto, naturalmente, é a mais blasfema suposição; qualquer um que dissesse isso seria considerado insano. Mas não, Cristo era simplesmente um indivíduo moderno. Ele apenas viveu sua própria mentalidade. Ele carregava um tipo interessante de convicção e fez uma experiência: ele identificou-se com seu próprio caminho contra todas as tradições, contra todas as pessoas respeitáveis da Palestina. Isto era o que ele tencionou fazer e pagou por isso. E isto é o que esta mulher está destinada a fazer, nada mais, apenas isto. É como um cristão dos primeiros tempos indo para a arena, ou como o próprio Cristo que teve suas dúvidas sobre côo a coisa toda terminaria e assim teve seus maus momentos no jardim, antes de ser crucificado.

Vejam, essas coisas são tão sérias como nos primeiros tempos do cristianismo. Tertuliano ensinou seus discípulos a buscar a arena, e esta é a idéia aqui – tornar-se si mesmo, arriscando até ser jogado aos cachorros ou ser feito em pedaços. Isto é o que espera esta mulher e, por isso, ela necessita uma consciência supra-normal.